

TRADUÇÃO
THOMAS AQUINATIS DE PRINCIPIIS NATURAE
CAPITA III – IV

TOMÁS DE AQUINO *OS PRINCÍPIOS DA NATUREZA*
CAPÍTULOS III - IV

Luciana Rohden da Silva^{*}
Thiago Soares Leite^{**}

RESUMO: No terceiro capítulo do *De Principiis Naturae* (para o primeiro capítulo, ver *Intuitio*, 1/1 (2008), p. 125-9; para o segundo, *Intuitio* 1/2 (2008), p. 329-35), Tomás ensina que há quatro tipos de causas, a saber, a eficiente, a material, a formal e a final; a diferença entre agente natural e agente voluntário; a diferença entre “princípio”, “causa” e “elemento”. No capítulo quatro, aprendemos a relação entre as causas; sobre a divisão de “necessidade” em “absoluta” e “condicional”; os dois tipos de “fim”.

PALAVRAS-CHAVE: Tomás de Aquino. Princípios da Natureza. Cosmologia Medieval.

ABSTRACT: In the third chapter of *De Principiis Naturae* (for the first one, see *Intuitio*, 1/1 (2008), p. 125-9; for the second chapter, see *Intuitio* 1/2 (2008), p. 329-35), Thomas teaches that there are four kinds of cause, namely, efficient, material, formal and final; the difference between natural and voluntary agents; the difference among “principle”, “cause” and “element”. In chapter four, we learn the relation between the causes; about the division of “necessity” into “absolute” and “conditional”; the two kinds of “end”.

KEY WORDS: Thomas Aquinas. Principles of Nature. Medieval Cosmology.

**Caput III – Quod sunt quator generes
causarum**

Ex dictis igitur patet tria esse naturae principia scilicet materia, forma et privatio. Sed haec non sunt sufficientia ad generationem.

**Capítulo III – Que quatro são os gêneros
de causas**

Portanto, a partir do que foi dito, é evidente serem três os princípios da natureza, a saber: matéria, forma e privação. Mas estes não são suficientes à

* Doutoranda em Filosofia/PUCRS – Bolsista e pesquisadora/CNPq. Contato: lucianarohden@yahoo.com.br

** Doutorando em Filosofia/PUCRS – Bolsista e pesquisador/CNPq Contato: thiagoleiteuerj@hotmail.com

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 - No.1	Junho 2009	pp. 257-269
-----------------	-------------------	--------------	------------	---------------	-------------

Quod enim est in potentia, non potest se reducere ad actum: sicut cuprum quod est potentia idolum, non facit se idolum, sed indiget operante, qui formam idoli extrahat de potentia in actum.

Forma etiam non extraheret se de potentia in actum (et loquor de forma generati, quam diximus esse terminum generationis); forma enim non est nisi in facto esse: quod autem operatur est in fieri, idest dum res fit.

Oportet ergo praeter materiam et formam esse aliquod principium quod agat, et hoc dicitur esse efficiens, vel movens, vel agens, vel unde est principium motus.

Et quia, ut dicit Aristoteles in secundo *Metaph.*, omne quod agit, non agit nisi intendendo aliquid, oportet esse aliud quartum, id scilicet quod intenditur ab operante: et hoc dicitur finis.

Et sciendum, quod omne agens tam naturale quam voluntarium intendit finem, non tamen sequitur quod omne agens cognoscat finem, vel deliberet de fine. Cognoscere enim finem est necessarium in his quorum actiones non sunt determinatae, sed se habent ad opposita, sicut se habent

geração.

Pois o que está em potência não pode, por si, passar a ato: assim como o cobre, que é estátua em potência, não produz por si a estatua, mas carece do produtor, que extraia, da potência ao ato, a forma da estátua.

Além disso, a forma não se extrairia da potência ao ato (e falo sobre a forma das [coisas] geradas, a qual dissemos ser o término da geração), pois a forma não existe senão no fato de ser; porém, o que é produzido está no vir-a-ser, isto é, enquanto a coisa é produzida.

Logo, é preciso, além de matéria e forma, haver algum princípio que aja, e isto é dito ser “eficiente” ou “movente” ou “agente” ou “donde é o princípio de movimento”.

E porque, tal como diz Aristóteles no segundo livro da *Metafísica*, tudo que age não age a não ser que pretenda algo, é preciso haver um quarto [princípio], a saber, isso que é pretendido pelo produtor: e isto é dito “fim”.

E deve-se saber que todo agente, seja natural seja voluntário, pretende o fim; contudo, não se segue que todo agente conheça o fim ou delibere sobre o fim. Pois conhecer o fim é necessário nestes dentre os quais as ações não são determinadas, mas têm, por si, os opostos, assim como os

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.1 - No.3	Junho 2009	pp. 257-269
-----------------	-------------------	--------------	------------	---------------	-------------

agentia voluntaria; et ideo oportet quod cognoscant finem per quem suas actiones determinant. Sed in agentibus naturalibus sunt actiones determinatae: unde non est necessarium eligere ea quae sunt ad finem. Et ponit exemplum Avicenna de citharaedo quem non oportet de qualibet percussione chordarum deliberare, cum percussiones sint determinatae apud ipsum; alioquin esset inter percussiones mora, quod esset absonum. Magis autem videtur de operante voluntarie quod deliberet, quam de agente naturali. Et ita patet per locum a maiori, quod possibile est agens naturale sine deliberatione intendere finem: et hoc intendere nihil aliud erat quam habere naturalem inclinationem ad aliquid.

Ex dictis ergo patet, quod sunt quatuor causae: scilicet materialis, efficiens, formalis et finalis. Licet autem principium et causa dicantur convertibiliter, ut dicitur in quinto *Metaph.*, tamen Aristoteles in *Lib. Physic.*, ponit quatuor causas et tria principia. Causas autem accipit tam pro extrinsecis quam pro intrinsecis. Materia et forma dicuntur intrinsecae rei, eo quod sunt partes constituentes rem; efficiens et finalis

agentes voluntários [as] têm por si, e, por isso, é preciso que conheçam o fim pelo qual determinem suas ações. Mas, nos agentes naturais, as ações são determinadas: donde não é necessário escolher, porque são [determinadas] ao fim. E Avicena apresenta o exemplo do citharedo, que não precisa deliberar sobre qualquer toque das cordas, visto que os toques estão determinados para ele; de outro modo, haveria demora entre os toques, o que seria desarmônico. Porém, parece mais [próprio] do voluntariamente produtor deliberar do que do agente natural. E assim, é evidente, pelo que ensinou Avicena [i.e., o agente voluntário (o citharedo) poder agir sem deliberação], ser possível o agente natural pretender o fim sem deliberação, e este “pretender” nada mais era do que ter uma inclinação natural a algo.

Logo, a partir do que foi dito, é evidente que quatro são as causas, a saber: material, eficiente, formal e final. Porém, ainda que “princípio” e “causa” sejam ditos conversivelmente, tal como está dito no quinto livro da *Metafísica*, contudo, Aristóteles apresenta, nos livros da *Física*, quatro causas e três princípios. Porém, considera as causas tanto como extrínsecas quanto como intrínsecas. Matéria e forma são ditas intrínsecas à coisa, porque são

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.1 - No.3	Junho 2009	pp. 257-269
-----------------	-------------------	--------------	------------	---------------	-------------

dicuntur extrinsecae, quia sunt extra rem. Sed principia accipit solum causas intrinsecas. Privatio autem non nominatur inter causas, quia est principium per accidens, ut dictum est. Et cum dicimus quatuor causas, intelligimus de causis per se, ad quas tamen causae per accidens reducuntur, quia omne quod est per accidens, reducitur ad id quod est per se.

Sed licet principia ponat Aristoteles pro causis intrinsecis in primo *Physic.*, tamen, ut dicitur in undecimo *Metaph.*, principium dicitur proprie de causis extrinsecis, elementum de causis quae sunt partes rei, idest de causis intrinsecis, causa dicitur de utrisque. Tamen aliquando unum ponitur pro altero. Omnis enim causa potest dici principium, et omne principium causa.

Sed tamen causa videtur addere supra principium communiter dictum, quia id quod est primum, sive consequatur esse posterius sive non, potest dici principium, sicut faber dicitur principium cultelli, ut ex eius operatione est esse cultelli. Sed quando aliquid movetur de nigredine ad albedinem, dicitur quod nigrum est

partes constituintes da coisa; a eficiente e a final são ditas extrínsecas, porque são exteriores à coisa. Mas ele considera os princípios somente [como] causas intrínsecas. Porém, a privação não é nomeada entre as causas porque é princípio por acidente, tal como foi dito. E, quando dizemos “quatro causas”, entendemos as causas por si, às quais, contudo, as causas por acidente são reduzidas, porque tudo que é por acidente é reduzido a isso que é por si.

Mas, embora Aristóteles apresente os princípios como causas intrínsecas no primeiro livro da *Física*, contudo, tal como está dito no livro onze da *Metafísica*, “princípio” é dito propriamente das causas extrínsecas, “elemento”, das causas que são partes da coisa, i.e., das causas intrínsecas; de ambas, é dito “causa”. Contudo, às vezes, um [termo] é apresentado pelo outro, pois toda causa pode ser dita “princípio”, e todo princípio, “causa”.

Mas, não obstante, “causa” parece acrescentar [algo] a “princípio” comumente dito porque isso que é primeiro, seguindo-se [a ele] ou não um ser posterior, pode ser dito “princípio”, assim como o ferreiro é dito princípio da faca, de maneira que, a partir de sua produção, há o ser da faca. Mas, quando algo é movido da

principium illius motus; et universaliter omne id a quo incipit esse motus dicitur principium: tamen nigredo non est id ex quo consequatur esse albedo.

Sed causa solum dicitur de illo primo ex quo consequitur esse posterioris: unde dicitur quod causa est ex cuius esse sequitur aliud. Et ideo illud primum a quo incipit esse motus, non potest dici causa per se etsi dicatur principium: et propter hoc privatio ponitur inter principia, et non inter causas, quia privatio est id a quo incipit generatio. Sed potest etiam dici causa per accidens, inquantum concidit materiae, ut supra expositum est.

Elementum vero non dicitur proprie nisi de causis ex quibus est compositio rei, quae proprie sunt materiales. Et iterum non de qualibet causa materiali, sed de illa ex qua est prima compositio: sicut nec membra elementa sunt hominis, quia membra etiam sunt composita ex aliis; sed dicimus quod terra et aqua sunt elementa, quia haec non componuntur ex aliis corporibus, sed ex ipsis est prima compositio corporum naturalium. Unde Aristoteles in quinto Metaph. dicit quod

negrura à brancura, é dito que o negro é princípio desse movimento; e, universalmente, tudo isso pelo que inicia o ser do movimento é dito “princípio”, contudo, a negrura não é isso a partir do que se segue o ser branco.

Mas “causa” somente é dita desse primeiro a partir do qual se segue o ser do posterior: donde é dito que “causa” é [aquilo] a partir do qual se segue outro ser. E, por isso, aquele primeiro pelo qual inicia o ser do movimento não pode, por si, ser dito “causa”, ainda que seja dito “princípio”: e, devido a isto, a privação é apresentada entre os princípios, e não entre as causas, porque a privação é isso pelo que a geração inicia. Mas [a privação] também pode, por acidente, ser dita “causa”, na medida em que coincide com a matéria, tal como foi exposto acima.

Todavia, “elemento” não é dito propriamente senão das causas a partir das quais há a composição da coisa, as quais são propriamente materiais. E, novamente, não de qualquer causa material, mas da aquela a partir da qual há a primeira composição: assim como os membros não são elementos dos homens, porque os membros também são compostos a partir de outras coisas. Mas dizemos que terra e água são elementos porque estas não são compostas a partir de outros corpos, mas, a

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.1 - No.3	Junho 2009	pp. 257-269
-----------------	-------------------	--------------	------------	---------------	-------------

elementum est id ex quo componitur res primo, et est in ea, et non dividitur secundum formam.

Expositio primae particulae, ex quo componitur res primo, patet per ea quae diximus.

Secunda particula, scilicet et est in ea, ponitur ad differentiam illius materiae quae ex toto corrumpitur per generationem: sicut panis est materia sanguinis, sed non generatur sanguis nisi corrumpatur panis; unde panis non remanet in sanguine: unde non potest dici panis elementum sanguinis. Sed elementa oportet aliquo modo manere, cum non corrumpantur, ut dicitur in libro de Gener.

Tertia particula, scilicet et non dividitur secundum formam, ponitur ad differentiam eorum scilicet quae habent partes diversas in forma, idest in specie, sicut manus, cuius partes sunt caro et ossa, quae differunt secundum speciem. Sed elementum non dividitur in partes diversas secundum speciem, sicut aqua, cuius quaelibet pars est aqua. Non enim oportet ad esse elementi ut non dividatur secundum quantitatem, sed sufficit si non

partir delas, há a primeira composição dos corpos naturais. Donde Aristóteles diz, no quinto livro da *Metafísica*, que “elemento” é isso a partir do que a coisa é primeiramente composta, e está nela, e não é dividida segundo a forma.

A exposição da primeira parte, “a partir do que a coisa é primeiramente composta”, é evidente pelo que dissemos.

A segunda parte, a saber, “e está nela”, é apresentada pela diferença daquela matéria que, de todo, é corrompida pela geração: assim como o pão é a matéria do sangue, mas o sangue não é gerado a não ser que o pão seja corrompido; donde o pão não permanecer no sangue: donde o pão não pode ser dito elemento do sangue. Mas, é preciso que os elementos permaneçam de algum modo, visto que não são corrompidos, tal como está dito no livro *Sobre a Geração e a Corrupção*.

A terceira parte, a saber, “e não é dividida segundo a forma”, é apresentada pela diferença deles, a saber, os quais têm partes diversas na forma, i.e., na espécie: assim como a mão, cujas partes são a carne e os ossos, os quais diferem segundo a espécie. Mas, o elemento não é dividido em distintas partes segundo a espécie, assim como a água, da qual qualquer parte é água. Pois, não é preciso ao ser do elemento que [o elemento] não seja

dividatur secundum speciem: et si etiam non dividatur, dicitur elementum, sicut litterae dicuntur elementa dictionum.

Patet igitur quod principium quodam modo in plus habet se quam causa; et causa in plus quam elementum. Et hoc est quod dicit Commentator in quinto *Metaph.*

Caput IV – De coincidentia et de prioritare causarum

Viso igitur quod quatuor sunt causarum genera, sciendum est quod non est impossibile quod idem habeat plures causas: ut idolum cuius causa est cuprum et artifex, sed artifex ut efficiens, cuprum ut materia. Non autem est impossibile ut idem sit causa contrariorum: sicut gubernator est causa salutis navis et submersionis, sed huius per absentiam, illius quidem per praesentiam.

Sciendum est etiam quod possibile est ut aliquid idem sit causa et causatum respectu eiusdem, sed diversimode: ut

dividido segundo a quantidade, mas é suficiente que não seja dividido segundo a espécie; e, se também não é [assim] dividido, é dito “elemento”, assim como as letras são ditas elementos das palavras.

Portanto, é evidente que, de certo modo, “princípio” está em mais [coisas] do que “causa”; e “causa”, em mais [coisas] do que “elemento”. E isso é o que diz o Comentador no quinto livro da *Metafísica*.

Capítulo IV – Da coincidência e da prioridade das causas

Portanto, visto que quatro são os gêneros das causas, deve-se saber que não é impossível que a mesma [coisas] tenha várias causas: tal como a estátua, cuja causa é o cobre e o artífice, mas o artífice como [a causa] eficiente, o cobre como a material. Porém, não é impossível que a mesma [coisa] seja causa dos contrários: assim como o capitão é causa da salvação e do naufrágio do navio, mas deste, pela ausência, daquele, com efeito, pela presença.

Deve-se saber também que é possível que algo mesmo seja causa e causado em relação ao mesmo, mas de

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.1 - No.3	Junho 2009	pp. 257-269
-----------------	-------------------	--------------	------------	---------------	-------------

deambulatio est causa sanitatis ut efficiens, sed sanitas est causa deambulationis ut finis: deambulatio enim est aliquando propter sanitatem. Et etiam corpus est materia animae, anima vero est forma corporis.

Efficiens enim dicitur causa respectu finis, cum finis non sit in actu nisi per operationem agentis: sed finis dicitur causa efficientis, cum non operetur nisi per intentionem finis. Unde efficiens est causa illius quod est finis: ut sit sanitas; non tamen facit finem esse finem, et ita non est causa causalitatis finis, idest non facit finem esse finalem: sicut medicus facit sanitatem esse in actu, non tamen facit quod sanitas sit finis.

Finis autem non est causa illius quod est efficiens, sed est causa ut efficiens sit efficiens: sanitas enim non facit medicum esse medicum (et dico sanitatem quae fit operante medico), sed facit ut medicus sit efficiens. Unde finis est causa causalitatis efficientis, quia facit efficiens esse efficiens: similiter facit materiam esse materiam, et formam esse formam, cum materia non suscipiat formam nisi per finem, et forma non perficiat materiam nisi per finem. Unde dicitur quod finis est causa causarum, quia est causa causalitatis in omnibus causis.

modo diverso: tal como o passeio é causa eficiente da saúde, mas a saúde é causa final do passeio, pois o passeio é, às vezes, por causa da saúde. E também o corpo é matéria da alma, todavia, a alma é forma do corpo.

Ora, o eficiente é dito causa em relação ao fim, ainda que o fim não seja em ato senão pela operação do agente. Mas o fim é dito causa do eficiente, visto que [esse] não operaria senão pela intenção do fim, donde o eficiente é causa disso que é o fim: que seja a saúde. Contudo, [o eficiente] não faz o fim ser fim e, assim, não é a causa da causalidade do fim, i.e., não faz o fim ser a [causa] final: assim como o médico faz a saúde ser em ato, contudo, não faz que a saúde seja o fim.

Porém, o fim não é causa disso que é eficiente, mas é causa que o eficiente seja eficiente: pois a saúde não faz o médico ser médico (e digo a saúde que é produzida pelo médico na medida em que a produz), mas faz com que o médico seja eficiente. Donde o fim é causa da causalidade do eficiente porque faz o eficiente ser eficiente: de modo semelhante, faz a matéria ser matéria e a forma ser forma, ainda que a matéria não receba a forma senão pelo fim, e a forma não aperfeiçoe a matéria senão pelo fim. Donde é dito que o fim é a causa das causas, porque é causa da

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.1 - No.3	Junho 2009	pp. 257-269
-----------------	-------------------	--------------	------------	---------------	-------------

Materia enim dicitur causa formae, inquantum forma non est nisi in materia; et similiter forma est causa materiae, inquantum materia non habet esse in actu nisi per formam. Materia enim et forma dicuntur relative ad invicem, ut dicitur in secundo physicorum. Dicuntur enim ad compositum sicut partes ad totum, et simplex ad compositum.

Sed quia omnis causa, inquantum est causa, naturaliter prior est causato, sciendum quod prius dicitur duobus modis, ut dicit Aristoteles in decimosexto de Animal.; per quorum diversitatem potest aliquid dici prius et posterius respectu eiusdem, et causa et causatum.

Dicitur enim aliquid prius altero generatione et tempore, et iterum in substantia et complemento. Cum ergo naturae operatio procedat ab imperfecto ad perfectum, et ab incompleto ad completum, imperfectum est prius perfecto, secundum generationem et tempus, sed perfectum est prius in complemento: sicut potest dici quod vir est ante puerum in substantia et complemento, sed puer est ante virum generatione et tempore.

causalidade em todas as causas.

Pois a matéria é dita causa da forma na medida em que a forma não é senão na matéria; e, de modo semelhante, a forma é causa da matéria, na medida em que a matéria não tem ser em ato senão pela forma. Pois a matéria e a forma são ditas relativamente entre si, tal como está dito no segundo livro da *Física*, pois são ditas em relação ao composto assim como as partes, ao todo, e o simples, ao composto.

Mas porque toda causa é, na medida em que é causa, naturalmente anterior ao causado, deve-se saber que “anterior” é dito de dois modos, tal como diz Aristóteles no livro XVI *Sobre os Animais*; pela diversidade desses modos, tanto a causa quanto o causado podem ser ditos algo “anterior” e “posterior” com relação ao mesmo.

Pois algo é dito anterior a outro pela geração e pelo tempo, e, por sua vez, na substância e na complementação. Logo, visto que a operação da natureza procede do imperfeito ao perfeito e do incompleto ao completo, o imperfeito é anterior ao perfeito segundo a geração e o tempo, mas o perfeito é anterior na complementação: assim como pode ser dito que o varão está antes da criança na substância e na complementação, mas a criança está antes do varão pela geração e pelo tempo.

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.1 - No.3	Junho 2009	pp. 257-269
-----------------	-------------------	--------------	------------	---------------	-------------

Sed licet in rebus generabilibus imperfectum sit prius perfecto, et potentia prior actu, considerando in aliquo eodem quod prius est imperfectum quam perfectum, et in potentia quam in actu, simpliciter tamen loquendo, oportet actum et perfectum prius esse: quia quod reducit potentiam ad actum, actu est, et quod perficit imperfectum, perfectum est.

Materia quidem est prior forma generatione et tempore: prius enim est cui advenit, quam quod advenit. Forma vero est prior materia perfectione, quia materia non habet esse completum nisi per formam. Similiter efficiens prior est fine generatione et tempore, cum ab efficiente fiat motus ad finem; sed finis est prior efficiente in quantum est efficiens, in substantia et complemento, cum actio efficientis non compleatur nisi per finem. Igitur istae duae causae, scilicet materia et efficiens, sunt prius per viam generationis; sed forma et finis sunt prius per viam perfectionis.

Et notandum quod duplex est necessitas: scilicet necessitas absoluta et necessitas conditionalis.

Mas, embora o imperfeito seja, nas coisas que podem ser geradas, anterior ao perfeito, e a potência, anterior ao ato, considerando, nessas mesmas coisas, que o imperfeito está antes do perfeito, e [o que está] em potência, antes do que [está] em ato; não obstante, falando em sentido absoluto, é preciso o ato e o perfeito serem anteriores: porque o que leva a potência ao ato está em ato, e o que aperfeiçoa o imperfeito é perfeito.

Com efeito, a matéria é anterior à forma pela geração e pelo tempo: pois antes existe *ao* que advém, depois, *o* que advém. Não obstante, a forma é anterior à matéria pela perfeição, porque a matéria não tem o ser completo senão pela forma. De modo semelhante, o eficiente é anterior ao fim pela geração e pelo tempo, visto que, pelo eficiente, realiza-se o movimento ao fim; mas o fim é anterior ao eficiente, na medida em que é eficiente, na substância e na complementação, visto que a ação do eficiente não se completa senão pelo fim. Portanto, estas duas causas, a saber, a material e a eficiente, são anteriores pela via da geração; mas a formal e a final são anteriores pela via da perfeição.

E deve-se notar que há dois tipos de necessidade, a saber: a necessidade absoluta e a necessidade condicional.

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.1 - No.3	Junho 2009	pp. 257-269
-----------------	-------------------	--------------	------------	---------------	-------------

Necessitas quidem absoluta est quae procedit a causis prioribus in viam generationis, quae sunt materia et efficiens: sicut necessitas mortis quae provenit ex materia et ex dispositione contrariorum componentium; et haec dicitur absoluta quia non habet impedimentum. Haec etiam dicitur necessitas materiae.

Necessitas autem conditionalis procedit a causis posterioribus in generatione, scilicet a forma et fine: sicut dicimus quod necessarium est esse conceptionem, si debeat generari homo; et ista est conditionalis, quia hanc mulierem concipere non est necessarium simpliciter, sed sub conditione, si debeat generari homo. Et haec dicitur necessitas finis.

Et est sciendum quod tres causae possunt incidere in unum, scilicet forma, finis, et efficiens: sicut patet in generatione ignis. Ignis enim generat ignem, ergo ignis est causa efficiens in quantum generat; et iterum ignis est forma in quantum facit esse actu quod prius erat potentia; et iterum est, finis in quantum est intentum ab agente et in quantum terminantur ad ipsum operationes ipsius agentis.

Sed duplex est finis, scilicet finis

Com efeito, a necessidade absoluta é a que procede das causas anteriores pela via da geração, que são [as causas] material e eficiente: assim como a necessidade da morte que provém da matéria e da disposição dos componentes contrários; e esta é dita “absoluta” porque não tem impedimentos. Esta também é dita “necessidade da matéria”.

Porém, a necessidade condicional procede das causas posteriores na geração, a saber, da formal e da final: assim como dizemos que é necessário haver concepção caso um homem deva ser gerado; e esta é “condicional” porque não é necessário, em sentido absoluto, esta mulher conceber, mas sob condição, caso deva ser gerado um homem. E esta é dita “necessidade do fim”.

E deve-se saber que três causas podem sobrevir a um único [sujeito], a saber, a formal, a final e a eficiente: assim como é evidente na geração do fogo. Pois o fogo gera o fogo, logo o fogo é causa eficiente na medida em que gera; e, novamente, o fogo é [causa] formal na medida em que faz ser em ato o que antes estava em potência; novamente, é [causa] final na medida em que foi pretendido pelo agente e na medida em que as operações do próprio agente concluem-se no próprio.

Mas, há dois tipos de fim, a saber, o

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.1 - No.3	Junho 2009	pp. 257-269
-----------------	-------------------	--------------	------------	---------------	-------------

generationis, et finis rei generatae: sicut patet in generatione cultelli. Forma enim cultelli est finis generationis; sed incidere, quod est operatio cultelli, est finis ipsius generati, scilicet cultelli. Finis autem generationis concidit ex duabus dictis causis aliquando, scilicet quando fit generatio a simili in specie, sicut homo generat hominem, et oliva olivam: quod non potest intelligi de fine rei generatae.

Sciendum autem quod finis incidit cum forma in idem numero, quia illud idem in numero quod est forma generati est finis generationis. Sed cum efficiente non incidit in idem numero, sed in idem specie. Impossibile est enim ut faciens et factum sint idem numero, sed possunt esse idem specie: ut quando homo generat hominem, homo generans et generatus sunt diversa in numero sed idem in specie.

Materia autem non concidit cum aliis, quia materia, ex eo quod est ens in potentia, habet rationem imperfecti, sed aliae causae cum sint actu, habent rationem perfecti; perfectum autem et imperfectum non concidunt in idem.

fim da geração e o fim da coisa gerada: assim como é evidente na geração da faca. Pois a forma da faca é o fim da geração; mas o cortar, que é a operação da faca, é o fim do próprio gerado, a saber, a faca. Porém, o fim da geração às vezes coincide com duas das causas ditas, a saber, quando a geração é feita pelo semelhante na espécie: assim como o homem gera o homem, e a oliveira, a oliveira, o que não pode ser entendido do fim da coisa gerada.

Porém, deve-se saber que o fim coincide com a forma no numericamente o mesmo porque este numericamente o mesmo, que é a forma da [coisa] gerada, é o fim da geração. Mas, com o eficiente, não coincide no numericamente o mesmo, mas na mesma espécie. Pois é impossível que o produtor e o produzido sejam numericamente o mesmo, mas podem ser o mesmo pela espécie: tal como quando o homem gera o homem, o homem que gera e o que é gerado são numericamente distintos, mas [são] o mesmo em espécie.

Porém, a [causa] material não coincide com as outras [causas] porque a matéria, a partir disso que é ente em potência, tem a razão do imperfeito, mas as outras causas, visto que são em ato, têm a razão do perfeito; porém, o perfeito e o imperfeito não coincidem no mesmo.

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.1 - No.3	Junho 2009	pp. 257-269
-----------------	-------------------	--------------	------------	---------------	-------------

Referência

AQUINATIS, T. "Quod sunt quatuor generes causarum"; "De coincidentia et de prioritate causarum". In: AQUINATIS, T. *De principiis naturae*. Disponível em <http://www.corpusthomicum.org/opn.html>. Acesso em 01 maio 2008.

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.1 - No.3	Junho 2009	pp. 257-269
-----------------	-------------------	--------------	------------	---------------	-------------